

**ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA: VEZ E VOZ ÀS CRIANÇAS:****Reflexões acerca dos boletins do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)**Izabella Domingues Torres Horta<sup>1</sup>Stela Miller<sup>2</sup>**RESUMO**

Partindo da compreensão de que a alfabetização é a assimilação dos processos de leitura e escrita intrinsecamente ligados à dimensão social e cultural da linguagem e embasados na Teoria Histórico-Cultural, na Filosofia da Linguagem e dialogando com pensadores como Foucault e Bajard, nossa pesquisa se propõe a investigar os Boletins do NAHum – Núcleo de Alfabetização Humanizadora, no período de 2020 a 2022. A abordagem da alfabetização humanizadora contrasta com as abordagens oficiais de alfabetização, que frequentemente ensinam leitura e escrita de forma mecânica, desvinculada de seu contexto dialógico e discursivo. Nosso objetivo principal é pôr em discussão o conceito de alfabetização humanizadora e seus princípios, conforme divulgados nos boletins do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum), que se opõem às abordagens baseadas em cartilhas ou métodos fonológicos e silábicos. Argumentamos a importância de desafiar esses modelos pedagógicos e enfatizamos a necessidade de promover, no ensino da língua portuguesa, estratégias que capacitem a emancipação e a democratização da cultura por meio da escrita. Nossa pesquisa inclui uma breve contextualização histórica sobre a fundação do NAHum, uma análise da estrutura do site do núcleo e uma avaliação dos conteúdos pedagógicos disponíveis no site. Além disso, examinamos os boletins de alfabetização publicados pelo NAHum. Nosso desafio é tornar claros os princípios orientadores da alfabetização humanizadora e advogar pela promoção de uma educação de alta qualidade para todas as crianças no Brasil. Este estudo se alinha com a busca por práticas de alfabetização que reconheçam a natureza complexa e contextualizada da linguagem, promovendo a participação ativa dos alunos na construção de significados por meio da leitura e escrita. O enfoque na alfabetização humanizadora representa um compromisso com uma educação mais inclusiva, equitativa e socialmente relevante para as crianças brasileiras.

**Palavras-chave:** Educação; Ensino Fundamental; Alfabetização humanizadora;

**INTRODUÇÃO**

O artigo é fruto da pesquisa em andamento, denominada ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA: VEZ E VOZ ÀS CRIANÇAS - Reflexões acerca dos boletins do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum), reflete a necessidade de tornar públicas as questões sobre a alfabetização que têm sido veiculadas na atualidade e trazer ao debate o tradicionalismo de modelos de aprendizagem que reforçam a introdução da

linguagem para as crianças de maneira mecânica e dissociada de sua função discursiva; eles trazem consigo posicionamentos de cunho político e ideológico tendentes à adoção de propostas de alfabetização afastadas de processos humanizadores e conscientizadores, tornando, assim, premente a necessidade de se questionar essas posturas através da pesquisa.

Os boletins vinculados ao Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum), tem suas publicações realizadas bimensalmente, com o objetivo de disseminar as reflexões teóricas e exemplos práticos que fogem do uso de manuais e cartilhas que partem da consciência fonológica e do método fônico e silábico em sua prática pedagógica. Eles apresentam uma estrutura padrão de publicação que segue a lógica: (1) editorial, espaço reservado para expressar pontos de vista dos integrantes do NAHum (2) De professor para professor, onde ocorrem reflexões teóricas e discussões acerca das temáticas abordadas no editorial. (3) Eu faço assim, em que são divulgadas práticas pedagógicas de alfabetização que são consonantes com as propostas do Núcleo de Alfabetização Humanizadora. E, por último, (4) Mural, espaço reservado a dicas de leitura, publicação de informações adicionais ao leitor.

Partindo de uma necessidade urgente de se opor às políticas de alfabetização propostas pelo governo Bolsonaro, preocupados com os rumos que a alfabetização vinha tomando e se opondo ao tradicionalismo, ao método fônico, engajados na luta pela formação das crianças como seres pensantes, que utilizam o conhecimento adquirido nas relações em sala de aula para compreender o mundo e agir de maneira ativa e responsável, educadoras e educadores formaram um grupo constituído por Dagoberto Buim Arena, Stela Miller, Elianeth Dias Kanthack Hernandez, Adriana Buim Arena, Érika Christina Kohle, Sônia de Oliveira Santos, Vanilda Gonçalves de Lima se uniram e criaram o Núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHum, e, por meio desse coletivo, começaram a publicar em seu site os Boletins Alfabetização Humanizadora - Vez e voz às crianças.

## **METODOLOGIA**

É comum, no campo acadêmico, principalmente no campo da linguística e das letras, a tentativa de estudar a língua em sua forma, focalizando seus esforços para analisar a composição estrutural da língua, seus fonemas, grafemas, se atentando ao estudo da construção das palavras de maneira isolada, fora da sua função social, distante

da natureza dialógica da língua e descolada dos enunciados que são compostos por ela e que expressam em sua totalidade um projeto de dizer que, ao mesmo tempo que é particular do sujeito, também é fruto da relação dele com os outros a sua volta em um determinado tempo histórico.

Mas, a língua para além da sua forma, é capaz de tornar possível as relações entre as pessoas. Foi por meio dessa comunicação que a sociedade conseguiu se organizar, pensando na sua própria hierarquização, toda a questão de divisão de classes e até a exploração dos povos só foi possível porque as leis e os costumes foram constituídos pela fala e eternizados por meio da escrita ao longo dos anos.

Quando a temática da pesquisa é alfabetização, os caminhos e metodologias de pesquisa tendem também em se atentar com questões formais e estruturais da apropriação da linguagem escrita e do estudo desse campo, seguindo a lógica das ciências da natureza, um caráter mais biologizante do processo.

Mas, o enfoque desta pesquisa é diferente: a construção da pesquisa segue uma outra abordagem que tem como centralidade uma metodologia própria das ciências humanas, compreendendo a linguagem em seu caráter monista, como fruto da necessidade de comunicação humana, não podendo ser separada desse contexto, assumindo como o compromisso central a análise levando em consideração todo o contexto sociocultural vivido no momento.

Vindo do encontro com outros educadores, pesquisadores e pedagogos que ao longo dos anos estão empenhados em fortalecer a "ideia de que a escrita é um instrumento de pensamento e que sua aprendizagem não pode ser realizada fora desta função nomeada discursiva" (BAJARD, 2021), se faz necessário um cotejo de ideias, a fim de, por meio das diversas vozes dos outros, sermos capazes de compreender, confrontar e dialogar sobre a importância do ensino da língua pelo e para seu uso, tratando a apropriação da linguagem de maneira dialógica e discursiva.

Dito isso, vem a compreensão da necessidade de utilizar como ferramenta a pesquisa como diálogo (DEMO, 1990) no sentido específico de produção de conhecimento do outro para si e de si para o outro, não somente como mero discurso, mas com toda a seriedade e a preocupação política com uma educação capaz de emancipar e acolher.

Buscando esforços de aproximação teórica com autores que reforcem a natureza discursiva da linguagem, e analisando as últimas documentações e propostas oficiais

feitas acerca da alfabetização, nos desafiamos a compreender e questionar o ressurgimento dessas propostas metodológicas pouco enriquecedoras de ensino. Para aproximar os esforços por uma alfabetização humanizadora, será realizado um estudo acerca dos boletins vinculados ao NAHum, Núcleo de Alfabetização Humanizadora, que vem se dedicando a publicações de reflexões teóricas e demonstrações de práticas contrárias a essas tendências que utilizam cartilhas ou manuais voltados à consciência fonológica, ao método fônico ou silábico.

Trazemos à discussão a necessidade de um enfrentamento a esses modelos e reforçamos a importância em se priorizar no ensino da língua portuguesa propostas que promovam a emancipação e democratização da cultura por meio da língua escrita em sua eterna e constante relação vívida com a existência do ser.

Dito isso, traremos uma breve contextualização histórica da fundação do Núcleo de Alfabetização Humanizadora, a estrutura do site e os conteúdos pedagógicos presentes no corpo do site, uma contextualização do período em que o NAHum e os boletins começaram a ser publicados, e a situação de (des)governo e pandemia agravaram os rumos que a alfabetização tomaram naqueles anos.

Por fim, passamos aos Boletins. Para realizarmos nossa pesquisa, eles serão divididos em eixos temáticos e será realizada uma análise que parte da estrutura e de seu conteúdo e se aprofunda em questões teóricas afins entre os temas abordados bimestralmente pelos boletins.

O recorte temporal de análise se dá no período de formação e primeira publicação do boletim especial publicado em dezembro de 2020 até as publicações de dezembro de 2022 em que serão analisados no total 13 boletins formando o período de fim de 2020 a 2022 marcado pela Pandemia de Covid-19 e pelo período de governo do ex-presidente Bolsonaro.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Esses boletins trazem em seu conteúdo discussões teóricas e exemplos práticos a fim de ampliar o debate sobre os rumos que a alfabetização toma ao longo dos anos e fazer severas críticas a como as políticas públicas afetam a compreensão do que seria, de fato, a alfabetização e acabam limitando e direcionando o trabalho docente a práticas pedagógicas que, por vezes, não humanizam as crianças e não fazem o encontro com a

leitura e a escrita por elas aconteça de maneira significativa. Em meio à criação do NAHum e a publicação dos boletins, surgem situações que fazem com que as discussões e os boletins sejam cada vez mais necessários: os impactos da pandemia na educação, a criação da Política Nacional de Alfabetização, assim como a prática das avaliações de fluência leitora foram alguns dos temas que aparecem como pano de discussão nos boletins do Núcleo.

Quando a criança repete uma sequência de palavras decodificadas, ela não é chamada à compreensão de um todo organizado com o objetivo de estabelecer uma interação com o outro, as palavras estão descontextualizadas; no máximo elas poderão saber o significado delas, mas nem sempre. Então, utilizar esse tipo de mecanismo a fim de avaliar a capacidade de leitura não seria apropriado. Para saber se houve de fato a compreensão de um enunciado lido, é preciso que ele seja uma totalidade com um significado dentro de um contexto. Vale ressaltar que esse tipo de proposta despreendida do aspecto semântico passa a ignorar ou minimizar o vínculo existente entre a palavra e o significado, afastando o ato de ler de sua função enunciativa e dialógica, sem que estabeleça um elo entre caracteres e significados (BAJARD, 2021).

Assim como Bajard (2020), Freire (1989) há algum tempo já vinha reforçando a ideia de que o ensino da língua fosse compreendido em sua função dialógica e com uma intencionalidade voltada para a emancipação e o uso social que a língua apresenta. Desse modo, Bajard (2020) propõe que não se usem frases soltas e textos pobres de sentido com a finalidade que sejam decodificados. Mas que possam propor diálogos e novas descobertas para os aprendizes, por meio de textos, e enunciados encharcados de sentidos, e para que isso se firme em sala, é necessário que haja a comunhão entre teoria e prática.

Nesse modo de trabalho com a linguagem, por meio de uma educação integral do ser, e da troca com os pares, quando as crianças são instigadas por propostas capazes de promover identificação e sentido, instaura-se nelas uma necessidade criadora, que lhe possibilita e oportuniza a tornar-se produtor de enunciados e autor de sua realidade, vindo ao encontro da noção da importância do texto proposta por Bakhtin (2016):

O acontecimento da vida do texto, isto é, sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos. [...] Todo texto verdadeiramente criado é sempre, em certa medida, uma revelação do indivíduo livre e não predeterminado pela necessidade empírica. (BAKHTIN, 2016, p. 76-77).

Seguindo a mesma lógica de pensamento, segundo Abreu e Arena (2019), o uso do texto no processo de alfabetização proporciona não somente a compreensão de um sistema de escrita, mas faz com que o aprendiz se aproprie de diversos sentidos no movimento realizado dessa capacidade adquirida, cabendo ao professor a proposição do ensino da língua iniciado por meio do próprio texto, levando em conta seu aspecto semântico e sua estrutura gráfica, envolvida de sentidos, fazendo possível o alcance de significados e uma apropriação propriamente dita, como também apontam Jolibert e Jacob (2006).

No mesmo sentido, Geraldi (2018) afirma que o ensino da língua deveria deixar de ser assumida como de reconhecimento e de reprodução e passar a se constituir como conhecimento e produção, por meio de um exercício sistemático que possibilitaria maiores condições de constituir e firmar a identidade.

No momento em que ocorre o manuseio de livros, revistas, gibis, e a criança escuta o mais velho lendo textos, ela já está tendo um contato com o universo da escrita e suas diversas formas e funções, muito antes que venha a se alfabetizar. Quando inicia o processo de alfabetização sem que considere todos esses contatos estabelecidos anteriormente, e apresenta o sistema alfabético dissociado de sua função comunicativa e encharcada de múltiplos sentidos, gera no aprendiz uma ruptura e acaba desconsiderando toda uma significativa experiência anterior do sujeito.

Quando se trabalha a iniciação do processo de alfabetização dissociado da sua função dialógica e enunciativa, isso gera no alfabetizando uma frustração por incontáveis tentativas de estabelecer uma relação e incorporar significados e dar sentido ao que foi decodificado. De acordo com Bajard (2021 p. 118), “Por não incorporar o significado à configuração, o aprendiz é levado a recommençar infinitamente a mesma identificação fonológica para desembocar no significado.” E então o aluno não compreende o processo de leitura e passa a “transpor a palavra gráfica em palavra sonora.”

Existe então uma inquietação em como é popularmente trabalhada a alfabetização no Brasil, e Bajard (2021) vem questionando os métodos mais tradicionais tais como o método fônico e o uso de cartilhas, mas também de algumas abordagens construtivistas em que o adulto propõe que o pequeno escreva suas pequenas palavras sem que antes fosse apresentada a convencional grafia delas. Por isso o autor enfatiza que considera a língua escrita e seu funcionamento como patrimônio armazenado dentro dos livros. Considerando a escrita uma linguagem, “um instrumento de pensamento e de

comunicação suscetível de ser usado de maneira autônoma”, o professor alfabetizador proporciona à criança seu encontro com o livro, e traz a introdução da língua em seu funcionamento integral da escrita, caminho que facilita sua apropriação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Quando a criança é submetida a uma alfabetização através do método fônico, a relação que ela estabelece com o texto escrito tem sua centralidade na representação sonora desse objeto e não concentra seus esforços na compreensão de seus significados; nesse processo trabalha apenas com uma capacidade perceptiva e de memorização. Por outro lado, quando lidamos com a composição sígnica dos enunciados, trabalhamos com a busca pelos sentidos, que “envolve condutas analíticas, reflexivas e de elaboração mental de nível mais elevado, pois vai além do reconhecimento e da identificação de elementos do sistema formal da língua” (Miller, 2020).

A criança aprende as letras, mas, nesse processo, não as compreende como signos gráficos que têm como função expressar os sentidos por meio da sua configuração levando em conta todo o contexto de produção e sua função ligada à expressão humana. Nesse caso, o ensino se limita à mera transmissão de informações, o conhecimento adquirido torna-se superficial, limitado a descrições e definições, reforçado por exercícios de fixação, mas sem influência significativa na formação humana.

Por outro lado, segundo Kohle (2021), ao estruturar o processo de ensino-aprendizagem da linguagem escrita de forma a incentivar a criação de enunciados escritos dirigidos a um interlocutor específico, o professor proporciona à criança uma necessidade real de escrever, o que leva a perceber a escrita como uma habilidade vital para sua vida cotidiana. Ao explorar diferentes gêneros de enunciados, a criança passa a compreender a linguagem escrita como um meio de comunicação entre indivíduos, permitindo que ela se insira no contínuo fluxo de trocas de mensagens essencialmente humanas que ocorrem no processo comunicativo.

A escrita é um instrumento cultural de extrema complexidade, fundamental para o desenvolvimento e a formação da inteligência na criança. Seu processo de assimilação e internalização envolve a participação e a evolução de diversas atividades que expressam as capacidades humanas. Dentro desse contexto, a abordagem que considera a função social da escrita está intrinsecamente ligada à criança realizar atividades que atendam à sua necessidade de escrever, expressar-se e interagir socioculturalmente com os outros. Essa base está ancorada nos processos de assimilação e internalização dos

conteúdos culturais que satisfazem as necessidades da criança como sujeito histórico e cultural.

Ao escrever, a criança expressa seus desejos, sonhos, sentimentos, informações, descobertas e experiências para os outros. Em outras palavras, ela utiliza a linguagem em sua função social, inserindo-se em práticas de leitura e escrita que envolvem um contínuo processo de assimilação e internalização dos atos de leitura e escrita, que têm início de forma organizada logo nos primeiros anos da educação escolar.

Quando Bakhtin (2016) discorre sobre suas reflexões acerca dos gêneros enunciativos, ele afirma que, a compreensão do enunciado está diretamente relacionada ao contexto que o origina, estabelecendo, portanto, a convergência entre a língua e o caráter de vivacidade perante a natureza do enunciado, sendo esta natureza compreendida como um ato de produção do homem, se constituindo com um ato social e historicamente contextualizado.

Bakhtin (2016) explora as nuances dos gêneros enunciativos, destacando a importância do contexto na compreensão dos enunciados. Ele ressalta a interação entre a língua e a vitalidade inerente à natureza do enunciado, considerando-o um ato social e historicamente situado. Para Bakhtin, a verdadeira unidade da língua reside no diálogo entre os enunciados, refletindo as complexas relações de reciprocidade na cultura e na atividade humana (Bakhtin, 2011).

Freire (2020), por outro lado, enfatiza o papel capacitador do diálogo na troca entre seres humanos. Ele propõe que o diálogo seja entendido como um encontro mediado pelo mundo, transcendendo a simples relação eu-tu (Freire, 2020). Essa visão ressalta a importância do diálogo como um meio de expressão e interação que vai além das relações interpessoais imediatas.

Reconhecer essa convergência implica compreender que é por meio das práticas linguísticas que o ser humano se constitui como sujeito. Ele tem a capacidade de atribuir novos significados à língua com base em suas intenções e na posição que ocupa no mundo conforme sua vivência. Assim, como observado por Bakhtin (2003), a língua se integra à vida por meio de enunciados concretos, enquanto a vida se expressa na língua através desses enunciados. Para Bakhtin, a unidade real da língua é o enunciado posto em diálogo, que vivenciamos e experienciamos “em um mundo de palavras do outro, de tal modo que as complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem”. (BAKHTIN, 2011) Freire (2020), que carregava em seu discurso o peso que o diálogo tinha enquanto

capacitador da troca humana, propunha tratar o diálogo como um “encontro dos Homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, da relação eu-tu.” (FREIRE, 2020)

Considerar esta convergência é ter ciência de que é por meio do uso da língua e suas práticas que o homem se constitui como sujeito e, concomitantemente, ele tem a capacidade de atribuir novos significados para a língua, através das suas intencionalidades e do lugar em que ele ocupa no mundo tal como ele o vivencia. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003).”

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta pesquisa carregam um potencial significativo para a melhoria do sistema educacional no Brasil. Primeiramente, espera-se que a análise dos Boletins do NAHum durante o período de 2020 a 2022 proporcione uma compreensão mais profunda e articulada dos princípios da alfabetização humanizadora. Isso pode fornecer uma base sólida para a revisão e reformulação das práticas de alfabetização em escolas brasileiras, afastando-se das abordagens mecânicas e centradas em cartilhas em direção a métodos mais dialógicos e contextualizados.

Além disso, ao enfatizar a importância da emancipação e democratização da cultura por meio da escrita, essa pesquisa pode inspirar mudanças significativas nas estratégias de ensino da língua portuguesa, promovendo uma participação mais ativa dos alunos na construção de significados por meio da leitura e escrita. Isso, por sua vez, pode contribuir para uma educação mais inclusiva e equitativa, onde todas as crianças brasileiras tenham igualdade de acesso e oportunidade para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita em um ambiente que valoriza sua diversidade cultural e social.

Em última análise, os resultados dessa pesquisa têm o potencial de influenciar políticas educacionais e práticas pedagógicas, contribuindo para a construção de um sistema educacional mais justo e eficaz no Brasil. A ênfase na alfabetização humanizadora reflete um compromisso com a promoção de uma educação que não apenas habilite as crianças a dominarem a leitura e escrita, mas também as capacite a participar ativamente na sociedade, contribuindo para um futuro mais brilhante e inclusivo para a nação brasileira.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia Martins de Oliveira & ARENA, Adriana Pastorello Buim. **A dupla caixa e o espaço em branco no processo de alfabetização**. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 465-484, maio/ago. 2019.

BAJARD, Élie. **Eles leem, mas não compreendem. Onde está o equívoco?** São Paulo: Cortez, 2021

BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do Discurso**. In BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa. Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 48º ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 74º ed. Rio de Janeiro. Paz & Terra, 2020.

JOLIBERT, Josette; JACOB, Jannette. **Além dos muros da escola: a como ponte entre os alunos e a comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KOHLE, E. **Por um ensino da linguagem viva!**. NAHum - Núcleo de Alfabetização Humanizadora, [s.l], n. 4 p.1, jul/ago.,2021. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/07/PERIODICO\\_JUL\\_AGO-1.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/07/PERIODICO_JUL_AGO-1.pdf)

MILLER, S. **Por que um “Núcleo de Alfabetização Humanizadora”?**.  
NAHum - Núcleo de Alfabetização Humanizadora, [s.l.], n. 1, p. 1-3, nov/dez.,  
2020. Disponível em:  
<https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/01/1a-Edicao-do-Bol-etim-Alfabetizacao-Humanizadora.pdf>.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Trad. Sheila Grillo  
e  
Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas  
fundamentais do  
método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina  
V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat  
Mores, 2001. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>